

Chegou o momento de construir*

— Ensaio geral para discursos políticos

*A relação da juventude com a política, no geral, e a relação de cada aluno com a política, em particular, foram os motes do primeiro registo em Design de Comunicação V. Como reação à leitura de “Os jovens estão a desistir da política, e a política parece prescindir deles” (Paulo Pena, *Público*, 31.1.16), cada aluno construiu a sua resposta às perguntas:

- Porque desistem os jovens da política?
- Porque desistiu a política dos jovens?
- E eu, desisti da política?

A partir da sua própria experiência e posição pessoal, devidamente informada pelos argumentos, obras e autores que considerasse úteis, cada aluno expôs as suas respostas através de uma apresentação oral e de uma apresentação impressa. Partimos da noção de retórica e das suas componentes discursivas (Dispositio, Elocutio, Memória, Ação e Prolepse) para chegar a uma formalização exploratória do discurso (afim ao modelo artístico da lecture-performance) e testar o potencial, objetivos e princípios da oratória política.

Nós. Eles. Eu. A Política

Carina Tavares

Prólogo:

Partindo da leitura de obras da filósofa política alemã Hannah Arendt

— *A Condição Humana*¹ e *O que é Política*?²

— explorou-se o conceito de política

e o papel do ser humano na sua construção. O conceito de política deriva do termo *polis* (cidades-estado da Grécia Antiga) e remete para a ideia de um espaço que é administrado pelas pessoas. O ser humano, que na sua casa (*oikos*) tem de dominar de modo a que as necessidades de toda a família sejam satisfeitas (senhor da casa = *oikosdespote*), sai desta esfera privada e encontra o seu lugar na *polis* – a esfera pública – onde abandona o papel de “déspota” que assume em casa e se senta juntamente com os outros, tornando-se seu igual. Assim, tanto a igualdade como a liberdade são conceitos-chave que definem a esfera pública.

O homem é um ser déspota e político; estas duas esferas não devem misturar-se. Se o homem perde a noção do seu lugar na *polis*, ou se sente desconfortável com esta realidade, abdica do seu lugar enquanto “administrador” da sua cidade. Por outro lado, se os que lá permanecem começam a “falar” por ele, permite-se que o *oikosdespote* ganhe espaço na esfera pública e, como consequência, a vivência da política se altere. O ser humano deve conhecer o seu lugar na política e saber vivê-lo, uma noção que pode ser adquirida ao longo do seu crescimento.

Uma mesa perfeitamente redonda encontra-se no centro de um espaço. Uma mesa sem tamanho ou cor definida. Diversas cadeiras encontram-se dispostas à sua volta, com o mesmo espaço entre si. Todas as cadeiras têm o mesmo aspecto, sem nada que as distinga. De cada cadeira até ao centro da mesa é sempre a mesma distância. Isto tudo porque a mesa redonda quer que as pessoas se olhem nos olhos com respeito e porque ninguém tem mais voz que o outro. Assim, o senhor de barba branca encontra-se em pé de igualdade com a senhora de criança ao colo, mas também com o jovem de ar atento.

(1) “A *polis* diferenciava-se da família pelo facto de só conhecer ‘iguais’, ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade.”

(1) “Assim, dentro da esfera da família, a liberdade não existia, pois o chefe de família, que era o seu dominante, só era considerado livre na medida em que tinha a faculdade de deixar o lar e ingressar na esfera política, onde todos eram iguais.”

A mesa redonda dita que tanto a igualdade como a liberdade sejam conceitos presentes na mente de cada pessoa. A mesa redonda dita ainda que o termo “nós” tenha presença. E, deste modo, a conversa começa. As ideias são lançadas para o centro e são ouvidas, consideradas, discutidas com maior ou menor “alvorço”. E, deste modo, a política surge no centro da mesa. Ela é vivida, encarada como parte essencial da vida por cada elemento sentado nas cadeiras.

(2) “O homem, tal como a filosofia e a teologia o conhecem, existe — ou se realiza — na política apenas no tocante aos direitos iguais que os mais diferentes garantem a si próprios.”

Porém... há sempre um porém não é?

O olhar daquele jovem atento mudou, tornou-se alheado, desinteressado. E numa mesa rodeada por cadeiras, uma destacou-se porque passou a ficar desocupada. Mas não era apenas esta cadeira, outras passaram também a ser encontradas deste modo. Outras ainda surgiam por vezes vazias, por vezes ocupadas. Uma dessas cadeiras era a minha. Novas pessoas surgiam para se sentar à mesa, mas pareciam não compreender o que ali se falava, o que ali se vivia. Por isso, deixaram de aparecer. Assim, eram cada vez mais os lugares vazios. Eram, sobretudo, os lugares pertencentes a pessoas como aquele jovem.

(1) “(...) com a ascendência da sociedade, isto é, a elevação do lar doméstico (*oikia*) ou das atividades económicas ao nível político, a administração doméstica e todas as questões antes inerentes à esfera privada da família transformaram-se em interesse ‘coletivo’.”

E assim, as cadeiras ocupadas passaram a falar pelas cadeiras vazias. Mas as primeiras nunca poderiam saber exatamente o que as segundas queriam dizer, porque o olhar entre elas deixara de estar ao mesmo nível, tinha “altos e baixos”. Então, por vezes, equívocos aconteciam. A política transformara-se em algo diferente, porque deixara de estar no centro da mesa e posicionava-se apenas junto das cadeiras ocupadas. Sem que a mesa se apercebesse, o termo “nós” foi substituído pelo termo “eles”. “Eles”, os que falavam por todos.

(1) “Ser visto e ouvido por outros é importante pelo facto de que todos veem e ouvem de ângulos diferentes. É este o significado da vida pública.

Mas ‘uns’ nunca podem falar por ‘todos’. ‘Eles’ nunca podem falar por ‘nós’.”

Porém... o que vale é que existe sempre um porém não é? As cadeiras vazias podem voltar a ser ocupadas. O olhar daquele jovem pode voltar a estar atento, a sua cadeira pode ser novamente ocupada. Eu posso ocupar a cadeira que é minha por direito. Não só de vez em quando, mas sempre. O olhar ao mesmo nível pode ser restaurado outra vez. A política pode voltar a ter lugar ao centro da mesa. E pode deixar de haver incompreensão do que se fala e se vive na mesa redonda. A criança sentada ao colo daquela senhora pode crescer vendo como os seus semelhantes falam à mesa. E, na altura certa, pode ocupar a sua cadeira. Um “ocupar” interessado, consciente do que ali se fala e se vive.

(1) “(...) o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir.”

O termo “eles” foi então substituído pelo termo “nós”. E a mesa apercebeu-se disso. Novamente, a conversa começa. Novamente, as ideias são lançadas para o centro e são ouvidas, consideradas, discutidas com maior ou menor “alvorço”.

(1) “Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que veem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira real fidedigna.”

E a mesa redonda continuou a ditar que tanto a igualdade como a liberdade fossem conceitos presentes na mente de cada pessoa. E a mesa redonda continuou a ditar que o termo “nós” tivesse presença.